

A GEOGRAFIA RADICAL, NA FRANÇA E NA AMÉRICA ANGLO-SAXÔNICA

Rui Ribeiro de CAMPOS *

“Nós não reformamos a Geografia, viramo-la contra os nossos adversários. É duma guerrilha epistemológica que se trata:...” (Brabant, Giblin e Ronai, no posfácio de Lacoste 1977, 149)

RESUMO

O artigo procura traçar, sucintamente, aspectos da Geografia Radical na França e nos EUA, colocando algumas características do contexto histórico que a estimulou nestes países. Cita precursores como Reclus e Kropotkin, destaca a atuação de Pierre George e Yves Lacoste na França, e de William Bunge e David Harvey nos EUA.

ABSTRACT

The article tries to delineate, in a short way, Radical Geography aspects in France and in the USA, including some characteristics

(*) Professor dos cursos de Geografia e História do Instituto de Ciências Humanas da PUC-Campinas e doutorando em Geografia (área de concentração : Organização do Espaço) no IGCE-UNESP, campus de Rio Claro (SP).

from the historical context in which they have been engendered in the countries. It also mentions the precursors Reclus and Kropotkin, and emphasizes Pierre George and Yves Lacoste in France, William Bunge and David Harvey in USA.

A denominação Geografia Radical ou Crítica é recente pois foi cunhada notadamente a partir da década de 1960; mas sua existência, ainda que concebida por poucos geógrafos, já ocorria no século passado. Nesse grupo são incluídos os geógrafos que discordavam do compromisso, aparente ou não, que as correntes denominadas de Tradicional, Quantitativa, do Comportamento, da Percepção, possuíam com a manutenção do *status quo*, da ordem vigente, e do fato de suas parcas críticas às injustiças sociais não irem ao cerne dos problemas. De início, se colocaram contra toda a Geografia até então praticada e *“se posicionaram por uma transformação da realidade social, pensando o seu saber como uma arma desse processo”* (Moraes 1981, 112). Possuíam clareza do conteúdo político do conhecimento e encaravam *“a análise geográfica como um instrumento de libertação do homem”* (Idem).

O grupo, no entanto, era heterogêneo; havia geógrafos com formação anarquista, com formação marxista – divididos em ortodoxos e heterodoxos, entre os que cristalizavam as idéias de Marx e outros que procuravam enriquecer seu pensamento – e outros socialistas não-marxistas. Por isso é que não se pode usar o termo *escola*, o que aliás pode ser positivo. Quando, na década de 1960, as divergências entre os marxistas – inclusive quanto à aplicação do socialismo – aumentaram em virtude de fatos como o XX Congresso do PCUS (1956), as invasões da Hungria (1956) e da Tchecoslováquia (1968), ocorreu um ressurgimento dos anarquistas Élisée Reclus (1830-1905) e Piotr Kropotkin (1842-1921), demonstrando o papel pioneiro dos dois. Como afirmou Yves Lacoste, por mais que se diga o contrário, o primeiro grande geógrafo francês não foi Vidal de La Blache mas Reclus, para o qual *“a geografia não só não pode ignorar os problemas políticos, como permite até colocá-los melhor e pôr em evidência a sua importância”* (1977, 71). Contudo, esse geógrafo que

discutia e combatia o Estado, que admitia a Geografia como uma ciência da sociedade, teve seu nome

“cuidadosamente esquecido na Universidade, especialmente por aqueles que ‘saquearam’ desavergonhadamente as múltiplas publicações de sua Geografia Universal, para dela utilizarem inúmeras passagens na que foi realizada sob a direção de Vidal.”
(Idem)

O bakunista Élisée Reclus procurava, em livro que tratava do que se convencionou chamar de *geografia física*¹, analisar de modo dinâmico as relações entre o homem e a natureza, admitindo a primazia do primeiro. Refutava o determinismo fisiográfico e, ao mesmo tempo que abordava os fenômenos físicos, procurava salientar a ação do homem. Em outros livros² analisava as relações de classe e as formas de dominação colonial, chamava a atenção para as grandes questões sociais e para as modificações ocorridas com a penetração das relações capitalistas, distinguia as colônias de povoamento das colônias de exploração e já se preocupava com as cidades e seus problemas, quando isso ainda não era comum entre os geógrafos. Frente aos graves problemas sociais da época, afirmava que a solução estava na evolução individual, na destruição da burguesia e no desaparecimento do Estado.

Piotr Kropotkin, moscovita de origem aristocrática e apelidado de *príncipe dos anarquistas*, foi o principal impulsionador da corrente ácrata conhecida como *anarco-comunismo*. Teórico de um anarquismo não violento, pregava a *ajuda mútua* e propunha uma reordenação social baseada em comunas auto-geridas. Sua atividade como militante anarquista foi mais intensa e proffícua do que a de geógrafo. Para ele, a tarefa da Geografia consistia em mostrar que a humanidade era uma só. Entretanto, admitia a Geografia mais como uma ciência da natureza que da sociedade³. Era um apaixonado pela observação da natureza — o estudo do meio, o contato com a natureza era fundamental para o ensino de Geografia — e acreditava no poder

mágico da ciência, o que fazia com que não tivesse dúvidas sobre o domínio do homem sobre a natureza pois “*a evolução tecnológica trazia o domínio do homem sobre a natureza...*” (Vesentini 1986, XIX). A dialética marxista, para ele, pouco contribuía para o desenvolvimento da ciência e admitia a existência de leis gerais nas ciências sociais. Seu cientificismo o fazia crer que a sociedade era regida por leis que, através da progressiva *cientifização* da sociedade, a levariam ao comunismo. Apesar de uma obra geográfica bem menos vasta que seus escritos anarquistas, Kropotkin e, principalmente, Reclus, incluíram a categoria classe social na Geografia, discutiram o papel do Estado e da luta de classes, sem omitir o anarquismo em suas análises geográficas.

Polêmicas ocorridas após a Segunda Guerra Mundial motivaram o ressurgimento destes dois geógrafos. Esta guerra provocou a destruição da economia e do espaço urbano de grande parte dos países europeus. Era necessário reconstruir; entretanto, devido à nova situação histórica, era preciso reconstruir de outra forma. Nos países que vão se transformar na chamada Europa Oriental, com a estatização dos meios de produção, a planificação era geral e controlada pelo partido no poder, não sofrendo, portanto, a pressão de grandes grupos econômicos nacionais ou estrangeiros⁴. Na Europa Ocidental, o planejamento necessitava estar voltado também para a empresa privada, sofria pressões de grupos internacionais e possuía um setor operário mais organizado; daí ser menos *global* que no leste europeu. O fato de a política de planejamento ser generalizada abriu um campo de trabalho para profissionais das ciências sociais, tanto para a elaboração de diagnósticos quanto para prognósticos. A melhor organização das atividades econômicas, a necessidade de realocação das indústrias e da mão-de-obra, de estruturação das comunicações e reorganização do setor primário, chamavam, para a realização de trabalhos de planejamento, os geógrafos.

Esse fato forçou os geógrafos a trabalharem com outros especialistas, a realizarem prognósticos — e não somente diagnósticos — e a reverem as categorias de análise que utilizavam. Surgiram

disciplinas na Geografia que se aproximavam, principalmente, da Economia e da Sociologia, descobriu-se uma aplicabilidade do conhecimento geográfico e ocorreram importantes polêmicas relativas à colaboração ou não com os governos. Passou-se a falar em Geografia Aplicada, que colaboraria efetivamente com o Estado nas tarefas de planejamento e reconstrução⁵, e em Geografia Ativa, que ressaltava a independência e a necessidade de se criticar as decisões estatais.

Constatou-se que permanecer na observação, descrição e explicação do visível da paisagem era insuficiente. Era necessário ir além do visível, não permanecer na perspectiva idiográfica ou corológica, e não mais encarar a atividade agrícola regional como um gênero de vida mas como uma atividade integrada aos setores secundário e terciário. Os dados estatísticos passaram a ser mais valorizados e a tentação de realizar projeções aumentou. Entretanto, apesar de se considerarem elaboradores de sínteses, os geógrafos não serão chamados para a coordenação dos trabalhos e, sim, para estudos específicos relativos a climas, solos, interpretação de imagens aéreas, elaboração de mapas temáticos, o que os estimulava a

“se dedicar ao trabalho em áreas restritas. Isto iria refletir-se no cerne do pensamento geográfico, quando os novos geógrafos-planejadores passaram a questionar o ensino ministrado nas universidades e a exigir uma formação mais técnica, formação que ganharia grande prestígio nos anos 60 com a chamada Geografia Quantitativa”. (Andrade 1987, 99)

Na Europa, a Geografia Aplicada ganhou prestígio também nas universidades, com destaque para os geógrafos Jean Tricart e Michel Philliponeau. Contudo, essa tendência não chegou a romper com a Geografia clássica — o rompimento ocorreu, na fala mas não de fato, nos EUA —, considerando-se uma reformulação, uma adaptação aos novos tempos.

O outro grupo era liderado pelo francês Pierre George (1909-), em cuja obra *“observa-se a preocupação em conciliar os*

postulados marxistas com os lablachianos" (Idem, 99); daí que *"seu grande mérito foi introduzir pioneiramente alguns conceitos marxistas na discussão geográfica."* (Moraes 1981, 119) Procurando conciliar a metodologia clássica da análise regional com o instrumental conceitual do marxismo, não conseguiu romper, revolucionar a Geografia, distanciando-se posteriormente do marxismo.

"Todavia, é com Pierre George que a organização geográfica do espaço mundial perde, pela primeira vez, seus alicerces clássicos: a divisão natural em continentes. Os novos alicerces são os 'sistemas econômicos': (...). A geografia de cada país, incluindo-se suas condições naturais, organizar-se-á segundo seu sistema econômico." (Moreira 1981, 51)

No livro *Geografia Ativa*⁶, combateu propostas de ensino, nas universidades, da geografia aplicada, *"sob pena de tecnicizar e reduzir sua área de ensino, fazendo correr o risco de destruir a unidade desta ciência."* (Andrade 1987, 99) Seus livros davam mais destaque à indústria que à agricultura, inclusive colocando esta após a primeira, por admitir que era a indústria que comandava a vida econômica; colocava o homem não somente como um habitante mas também como produtor e consumidor e realizou estudos renovadores relativos à população. Professor na Sorbonne e autor de dezenas de livros, formou um grupo de *discípulos* onde se destacaram Michel Rochefort, com seus estudos sobre problemas econômicos, Bernard Kayser, estudioso dos problemas agrários, e Yves Lacoste.

Yves Lacoste (1929-), que já se destacara com uma postura de denúncia de realidades espaciais injustas – ainda sem romper definitivamente com a metodologia tradicional – com o livro *Geografia do Subdesenvolvimento*⁷, vai superar o mestre Pierre George e se tornar uma das referências obrigatórias da Geografia Crítica. Seu artigo intitulado *A Geografia*⁸ é hoje uma referência importante; nele criticava a Geografia e os numerosos geógrafos que *"não ocultam seu menosprezo pelas 'considerações abstratas' (...),*

vangloriam-se dele e afirmam sua predileção pelo 'concreto'" (Lacoste 1974, 222) e que abandonaram o projeto de uma geografia unitária para obterem vantagens da divisão do trabalho científico, ampliando a separação entre a *geografia física* e a *geografia humana*. Analisava também a carência epistemológica desta ciência, sua crise – que estava levando ao surgimento de propostas de substituí-la no ensino secundário francês por uma Iniciação à Ecologia ou uma Preparação para as Ciências Econômicas ou Sociais –, suas relações com o poder, além de realizar uma contundente crítica à Escola Regional Francesa. Deixava claro que

"...o espaço não é nem neutro nem inocente; ele é um dos campos de ação por excelência das forças políticas: o Estado também é uma entidade geográfica e o aparelho de Estado organiza o espaço geográfico de modo a exercer seu poder sobre os homens. O imperialismo também é um fenômeno geográfico: ele implica, através de diferentes meios, o domínio e a organização do espaço planetário." (Idem, 234)

Procurava ainda mostrar a distância que existia entre a geografia da sala de aula e a acadêmica e a da *mass media* e, principalmente, a das grandes empresas e dos generais.

Radicalizou sua crítica no livro *A Geografia serve, antes de mais, para fazer a guerra*⁹, onde separou o saber geográfico em *Geografia dos Estados-Maiores* – de origem antiga e vinculada à prática do poder, dos conquistadores, dos Estados e das grandes empresas monopolísticas, que estabelecem estratégias de ação visando o domínio do espaço – e em *Geografia dos Professores*. Para ele, esta se tornara um discurso ideológico e uma de suas funções era *"a de mascarar a importância estratégica das análises que fazem do espaço"* (Lacoste 1977, 17), apresentando-se como uma disciplina inútil, dissimulando que o *"saber geográfico pode ser um poder"* (Idem, 21). Os detentores do poder articulam sua intervenção em várias áreas e têm uma visão integrada do espaço, enquanto o cidadão comum tem

a perspectiva de seu viver diário e na escola não lhe foi feita a articulação entre a geografia e a *prática espacial*, impedindo-o de pensar o próprio espaço, inclusive por só ter usado mapas de pequena escala. E era “*necessário fazer as pessoas compreender (sic) que, quando estão num determinado local, não se encontram numa única zona, ou ‘região’.*” (Idem, 134) Era preciso uma Geografia que proporcionasse uma visão integrada de espaço e que fosse uma *praxis* pois é necessário “*saber pensar o espaço para saber nele se organizar, para saber nele combater*” (Idem, 129).

A corrente liderada por Yves Lacoste criou, em 1976, a revista **Herodote**, que pretendia

“Cartografar a disposição das fábricas para frustrar a sua mobilidade, desmascarar o ordenamento do território, desmontar as maquinações com fins repressivos de espaços reais ou imaginários, localizar tensões, traçar uma topologia de dominação”¹⁰

Esta revista tem sido um importante veículo de debate da crise epistemológica da Geografia, de combate às correntes não dialéticas, de discussão de temas atuais, de estímulo à participação dos geógrafos na transformação da sociedade.

A Segunda Guerra Mundial provocou o deslocamento dos centros de poder mundial e também dos centros de difusão das idéias geográficas que, devagar, vão se transferindo da Europa para os Estados Unidos da América, onde a Geografia também será útil à continuação do projeto expansionista daquele país, auxiliando projetos de planificação e passando, “*de maneira ainda mais clara, a estar ao serviço da realização de um projeto imperial.*” (Santos 1978, 85) Naquela que se cognomina de terra da liberdade, esta não existia para os que se propusessem a utilizar o método dialético. O sobrenome Marx somente podia ser citado positivamente se antecedido dos nomes Groucho, Harpo ou Chico. Durante o acirramento da Guerra Fria, o macartismo¹¹ infernizou a vida acadêmica dos EUA. Após o mesmo, o antimarxismo sempre esteve presente; qualquer menção à

palavra socialismo era mal vista. As ciências ficaram presas ao projeto político do país e as ciências sociais se caracterizaram por abordagens superficiais, dificilmente vendo os problemas existentes como contradições do próprio sistema. Isso ajuda a explicar o surgimento da Geografia Radical nos EUA somente na década de 1960.

A desigualdade racial e os conflitos inter-raciais dela decorrentes, e a presença dos EUA na guerra civil do Vietnã – ao qual enviava seus jovens para defender os interesses do grande capital, interesses escondidos pelo manto da *defesa da democracia* –, foram dois dos fatos mais marcantes. O movimento pelos Direitos Civis levou multidões de negros às ruas; as campanhas liberais puseram nas vias públicas grupos de feministas, ambientalistas e pacifistas, entre outros. Alguns geógrafos começaram a tomar consciência de que a Geografia havia sido, geralmente, uma ciência de inventários úteis à expansão imperialista no século XIX, de que na dominação interna cultural outras ciências agora eram mais importantes, de que a tentativa de uma metodologia diferente, realizada pela *New Geography*, com seus modelos de localização, era mais útil a interesses industriais e comerciais e de que a perspectiva crítica e o questionamento filosófico haviam sido relegados a segundo plano nos cursos de Geografia.

Vários dos que assim pensavam se denominaram integrantes da *Geografia Radical* e fundaram a revista **Antipode, a Radical Journal of Geography**¹² onde era veiculada a maioria das discussões do grupo, centradas em dois tipos principais de questões. Entre os geógrafos acadêmicos,

“um esforço para mudar o foco da disciplina (...) para o estudo de problemas sociais urgentes; entre os geógrafos orientados para a ação, a procura de modelos organizacionais para a promoção da mudança social.” (Peet 1985, 231)

As grandes marchas contra a guerra do Vietnã mudaram o tom dos congressos da Associação dos Geógrafos Americanos: solicitava-se

uma Geografia mais atuante. Nas revistas geográficas começaram a aparecer artigos mais voltados para as questões sociais, com destaque para estudos a respeito de guetos de negros nas grandes cidades estadunidenses. Alguns geógrafos, como J. Blaut – que *“foi capaz de ver as relações funcionais entre os interesses das potências e o desenvolvimento das teorias”* (Idem, 233) –, William Bunge e, mais tarde, David Harvey, começaram a se destacar.

William Bunge trabalhou, inicialmente, na Universidade de Washington, convivendo com um dos principais centros da *New Geography* e os problemas sociais de Seattle. Depois foi lecionar na Wayne State University em Detroit, morando próximo a um gueto negro, se envolvendo com os assuntos da comunidade, com os movimentos de direitos civis, com uma Geografia voltada para os problemas dos mais pobres; e estimulando o mesmo envolvimento por parte de seus alunos. *“Em 1967 foi recusado o seu contrato na Wayne State University, com a alegação de obscenidades (proferidas durante as aulas),...”* (Idem, 234) e em 1968 fundou, em Detroit, a **Society for Human Exploration** (Sociedade para a Investigação Humana), com a finalidade de

“formar expedições para as áreas mais pobres e mais degradadas do país (...), planejando COM as pessoas mais do que planejando PARA elas, incorporando pessoas do local mais do que as excluindo numa maneira elitista. (...) Pessoas do local seriam treinadas em habilidades geográficas de modo que poderiam tornar-se parte na solução de seus problemas e continuariam a luta quando a expedição fosse embora.” (Idem)

O conceito de expedição continha a idéia de que a atividade acadêmica incluía a defesa dos grupos mais pobres e desorganizados da sociedade, ajudando-os com informações e técnicas de planejamento voltadas à resolução de seus problemas. Em 1972, W. Bunge funda a Expedição Geográfica de Toronto, cidade onde, após ficar desem-

pregado, passou também a dirigir táxi, “*porque nenhuma universidade lhe oferece um lugar para trabalhar.*” (Santos 1989, 13)

A década de 70 acrescentou a recessão econômica, notadamente a partir de 1974, como mais um problema. Isso acentuou a guinada para o marxismo em setores da Geografia Radical dos EUA. Papel de liderança neste aspecto teve David Harvey¹³, recém imigrado da *New Geography*, pregando a necessidade de superar a simples investigação empírica das condições sociais dos excluídos por um novo e radical paradigma para a ciência geográfica. A base teórica desse novo paradigma seria a teoria marxista, o que chegou a provocar reações negativas inclusive em muitos geógrafos radicais, mesmo naqueles engajados em pesquisas a respeito de grupos sociais excluídos da riqueza produzida e que tinham uma ação norteadada pela crítica aos paradigmas tradicionais e *quantitativos*, e à fragmentação da ciência. Mas, naquele momento, alguns desejavam ir à essência dos problemas, transpor a simples observação das aparências, através do materialismo dialético. Tinham como meta superar o *fetichismo do espaço*, através do qual a Geografia apresentava as relações entre as classes sociais como relações entre áreas, a *forma geométrica espacial “estabelecida contra o ‘conteúdo’ social do espaço, obscurecendo-o pela negação das relações dialéticas de ‘conteúdo’ e ‘forma’.*” (Peet 1985, 240) Como as outras correntes do mesmo período, defendiam a necessidade de maiores estudos teóricos, de busca de maior embasamento filosófico.

O estudo de textos marxistas fez com que diversos geógrafos passassem a admitir que os processos sociais se relacionam com a produção e reprodução da base material da existência, que modos de produção diferentes produzem manifestações espaciais diferentes — ou seja, que as relações espaciais refletem as relações sociais — e ainda a ocorrência da transferência de mais-valia das regiões periféricas para as centrais, sendo o crescimento destas também produto e causa do subdesenvolvimento das áreas periféricas. Essas concepções levaram à formação, na cidade de Toronto em 1974, da União dos Geógrafos Socialistas (*Union of Socialists*

Geographers), da qual participavam interessados em mudanças visando sociedades mais justas e em desenvolver uma teoria geográfica que contribuísse para isso. Seu local de maior *sucesso* foi a Simon Fraser University, na Colúmbia Britânica, possuindo também grupos organizados em Montreal e Toronto (Canadá) e em Boston e Baltimore (EUA), para destacar os mais significativos. Porém, no início dos anos noventa, a Geografia Radical ou Marxista estadunidense permanecia pouco expressiva; mas, de qualquer maneira, contribuiu para a chegada de Marx e Engels à Geografia da América Anglo-Saxônica, estimulou o debate e procurou romper o isolamento da Geografia em relação às outras ciências sociais.

O método dialético permite a superação das visões unilaterais do homem, a descoberta de que há aspectos desta vida que não cabem num programa de computador ou num modelo matemático. Possibilita abarcar a complexidade da vida social, contestar a ordem estabelecida como ordem, e impedir a transferência ao individual, ao homem abstrato, da culpa dos problemas sociais causados por determinados grupos. A preocupação com aspectos sociais, no Brasil, já aparecia desde os meados da década de 1930, em textos de Caio Prado Júnior, nas obras de Josué de Castro e nos livros de Manuel Correia de Andrade, entre outros. Entretanto, a ditadura militar pós-64 impediu que o método dialético fosse objeto de discussão; mas, no final da década de 1970 e na década seguinte, as alterações institucionais (revogação do AI-5, lei da anistia), o agravamento da crise econômica, a retomada do debate político, entre outros, permitiram a emergência de uma corrente que se autodenominou *Geografia Crítica* e que afirmava possuir como base a dialética marxista.

Os autores estrangeiros aqui citados se constituíram num fundamental ponto de apoio para esta corrente. Como nos EUA e na França, a Geografia aqui predominante havia sido um instrumental para o poder; mas, com esta nova corrente, passamos a ter mais geógrafos analisando o espaço para transformá-lo, dando um novo caráter a sua *práxis*, buscando uma utilidade para a Geografia, não mais para servir ao Estado e sim a maioria da sociedade. Procuraram

novos caminhos, sendo significativo aquele que investiu na busca das raízes dos problemas sociais e no aprofundamento das causas epistemológicas da crise. Descobriu-se que não se pode prescindir da teoria, sem a qual não se compreende o *concreto* em sua totalidade, e nem abrir mão do projeto de uma Geografia unitária e brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Manuel Correia de (org.). **Élisée Reclus**. -São Paulo: Ática, 1985 (c. grandes cientistas sociais, 49).
- _____. **Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico**. - São Paulo: Atlas, 1987.
- FAISSOL, Speridião. *A geografia quantitativa no Brasil: como foi e o que foi?* In: **Revista Brasileira de Geografia**. - Rio de Janeiro: IBGE, v. 51, n. 4, 1989, 21-52.
- GEORGE, Pierre *et al.* **A geografia ativa**. 2ª ed. - São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.
- LACOSTE, Yves. **Geografia do subdesenvolvimento**. 2ª ed.-São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.
- _____. *A geografia*. In: CHÂTELET, François. **História da filosofia** : a filosofia das ciências sociais. - Rio de Janeiro: Zahar, 1974, v.7, 221-274.
- _____. **A geografia serve antes de mais para fazer a guerra**. - Lisboa (Portugal): Iniciativas Editoriais, 1977.
- MORAES, Antonio Carlos R. **Geografia: pequena história crítica**. - São Paulo: HUCITEC, 1981.
- MOREIRA, Ruy. *Geografia e 'praxis': algumas questões*. Revista de cultura. Petrópolis (RJ): Vozes, maio de 1980, a. 74, v. LXXIV, n. 4, 19-36.

- _____. **O que é geografia.** -São Paulo: Brasiliense. 1981 (c. primeiros passos, 48).
- PEET, Richard. *O desenvolvimento da geografia radical nos Estados Unidos.* In: **Perspectivas da geografia.** 2^a. ed. -São Paulo: DIFEL, 1985, 225-254.
- SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova.** -São Paulo: HUCITEC: EDUSP, 1978.
- _____. *Responsabilidade social dos geógrafos.* In: **Fundamentos para o ensino de Geografia;** seleção de textos. São Paulo: SE/CENP, 1989, 07-13.
- VESENTINI, José W. **Piotr Kropotkin.** -São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986 (seleção de textos, 13).

NOTAS

- (1) O livro é *La Terre* (2 v., 1869), com sucessivas edições até 1905, ano de sua morte e da publicação do *Traité de géographie physique*, de Emmanuel de Martonne, que restringia sua análise aos fenômenos naturais.
- (2) Como a *Nouvelle Géographie Universelle* (19 v., 17.873 p., 4.290 cartas, vendido sob a forma de fascículos, de 1875 a 1892) e principalmente *L'Homme et la Terre* (6 v., 3.589 p., em fascículos, 1905), sua principal obra.
- (3) Dividia a Geografia em quatro grandes ramos que, resumidamente, seriam os seguintes: 1) a distribuição das terras e das águas e as modificações decorrentes desta distribuição; 2) as leis que explicam a formação do relevo, dos rios e a influência das condições meteorológicas no relevo; 3) a distribuição dos animais e plantas sobre a superfície terrestre e as causas desta distribuição; 4) a análise da distribuição dos homens pelo espaço terrestre. (Andrade 1987, 60)
- (4) Na ex-URSS, os cursos de Geografia eram mais voltados para os estudos sobre os aspectos naturais, e os geógrafos, quando chamados para atividades de planejamento, integravam as equipes que analisavam problemas e/ou aspectos naturais.
- (5) Na França, além do Ministério da Construção, muitos integraram a *Délégation à l'Aménagement du Territoire et à l'Action Regionale*, que visava, sobretudo, a reorganização do funcionamento das atividades urbanas e industriais. "*Daí terem surgido os estudos designados de Aménagement du Territoire, que procuravam descentralizar a vida econômica francesa e atenuar a concentração existente em Paris e sua região*" (Andrade 1987, 102)
- (6) Escrito com Raymond Guglielmo, Yves Lacoste e Bernard Kayser, e publicado no Brasil pela Difusão Européia do Livro em 1966.
- (7) Publicado no Brasil pela Difusão Européia do Livro, na segunda metade da década de 1960, este livro foi mais utilizado, na época, em cursos de Ciências Sociais que

de Geografia. Yves Lacoste nasceu em Fez (Marrocos) e, em 1951, concluiu na Sorbonne o curso de Estudos Superiores de Geografia. Em 1948 filiou-se ao Partido Comunista Francês, ligando-se a integrantes do movimento nacional argelino. Entre 1952 e 1955, lecionou História e Geografia no Liceu Bugeau em Argel e, em 1968, foi nomeado professor-assistente na Universidade de Vincennes, Paris VIII. Em 1972 publicou, no *Le Monde*, artigos – que obtiveram grande repercussão – a respeito da estratégia estadunidense de bombardeio dos diques existentes na região de Hanói, no Vietnã.

- (8) In: CHÂTELET, François. **História da Filosofia: a filosofia das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974, v. 7, p. 221-274 (a primeira edição foi publicada na França em 1973)
- (9) *La géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre*. Paris: François Maspero, 1976.
- (10) J.M.Brabant, Béatrice Giblin e Maurice Ronai, sobre a Revista **Herodote**, no posfácio de *A Geografia serve, antes de mais, para fazer a guerra* (1977, 149)
- (11) A histeria anticomunista nos EUA, após a Segunda Guerra Mundial, se iniciou com a *Ordem de Lealdade de Truman*, em 1947, cujo objetivo era investigar funcionários públicos federais e expulsar os que fossem considerados *desleais* para com o país. Em 1950, o senador republicano pelo estado de Wisconsin, Joseph R. McCarthy ressuscitou o *Comitê de Atividades Antiamericanas* e promoveu uma brutal perseguição a pessoas ou instituições progressistas acusadas, não importando como, de comunistas ou filo-soviéticas. Milhares de pessoas foram colocadas sob suspeição, como Charles Chaplin, Bertold Brecht, Tennessee Williams e outros. Transformou seu exacerbado anticomunismo em campanha nacional, atingindo o auge em 1952; e nessa *caça às bruxas* teve papel de destaque o então deputado Richard Nixon. Entretanto, a atuação política do senador McCarthy continha graves casos de corrupção que, denunciados, levaram o Senado a condenar suas atividades em 1954.
- (12) Foi fundada em 1969 por um grupo de professores e estudantes da Clark University (em Worcester, estado de Massachusetts). A maioria de seus colaboradores, no início, eram ex-geógrafos quantitativistas, desencantados com esta perspectiva. A partir de 1974, adotou uma linha marxista, o que diminuiu sua presença e influência nos meios universitários, controlados pela conservadora Associação dos Geógrafos Americanos. Segundo Andrade (1987, 125), os principais centros de difusão das idéias defendidas pela revista **Antipode** estavam nas universidades de Clark (EUA), Vancouver (Canadá) e Londres (R.U.).
- (13) David Harvey – como Brian Berry, um inglês que migrou para os EUA –, foi durante algum tempo a figura central da Geografia Teorética, com a publicação, em 1969, de um livro básico para esta corrente: **Explanation in Geography**. Neste livro discorria sobre “a questão do padrão e processos espaciais, e concluía que havia uma questão de escala, quando dizia que na análise a nível micro, o espaço cedia o poder de explicação ao processo interno da firma; na análise a nível macro, cedia aos processos mais globais (...) o que o levava a afirmar ser o nível mesoregional, o nível de resolução da Geografia.” (Faissol 1989, 34) Crítico de sua posição anterior, publicou, em 1973, **A justiça social e a cidade** e, em 1982, já marxista, o livro **Os limites do capital** que, segundo Faissol, “ele descreve como uma tentativa de reescrever o ‘Capital’ de Karl Marx.” (1989, 35)